

# Sapos magnéticos e adultério feminino na Idade Média: uma crítica à teoria Sapiniana

Brigitte VENTURINI  
Universidade Estadual de Campinas

*Resumo:* O presente artigo pretende refutar a vinculação defendida por Sapini (1965, 1966, 1974) entre os estudos de Battuta (séc. X) relativos à levitação dos sapos magnéticos e o imaginário medieval da Europa Ocidental no que se refere à identificação de mulheres adúlteras com magnetos. Nesta análise fundamentamo-nos na descoberta do emprego de magnetos como agentes terapêuticos e em outras finalidades, como a acima mencionada, pelo médico Bactrius Medicis (séc. IX), em Florença, segundo seu manuscrito “De medicamenta magnetica”. Comentamos ainda as contribuições recentes de Buffin (1973) e Geschichte (1987) na discussão do referido tema e concluímos pela inconsistência dos argumentos de Sapini diante desse novo fato incorporado ao amplo debate em torno dessa crença medieval.

## 1 INTRODUÇÃO

O poeta árabe Mohamed Ali Seneldin (1345-1401) termina seu longo poema descritivo Jaber Na-al Quimir com uma indagação: “Por quem os sapos voam?” (ARGENTEN, 1991, p. 57), provavelmente uma referência à obra do grande sábio de Damasco, Omar ibn Battuta (c. 941-991). Estes versos permaneceram incompreensíveis para o ocidente até a descoberta de um manuscrito árabe em 1836 pelo historiador sueco Sven Jørgensen. Durante os anos em que Jørgensen coletava documentos na biblioteca de Salamanca para sua obra sobre a grande conspiração da Ordem dos Templários, encontrou um precioso estudo que discutia o magnetismo orgânico apoiando-se no exemplo de uma espécie rara de sapos azuis encontrados no Peloponeso e Balcãs. Esse estudo, apesar de incorporado à “Opus metallica”, compilada pelo monge cisterniense Humbertus Eccus, destoava do estilo empregado pelos autores medievais. O manuscrito foi publicado na Holanda, em 1870, após a morte de Sven Jørgensen.

Os historiadores do período logo elegeram-no como fonte fundamental para a pesquisa do pensamento medieval sobre o magnetismo animal. Entretanto, pelo próprio fato de ser apócrifo, o manuscrito facilitou as mais desconstruídas interpretações; ora situavam-no no século XII, ora no século XVI. Foi a lingüista Natasha Alexandra Shaporovna quem primeiro identificou o manuscrito como pertencente a Omar Ibn Battuta, após ter encontrado o original árabe. Em um estudo meticoloso, a lingüista russa comparou o estilo da argumentação e, principalmente, o vocabulário categorial do manuscrito, com aquele empregado por Battuta em sua obra magna “A história do fim do mundo”. As semelhanças por ela apontadas não deixaram dúvidas quanto à autoria do manuscrito.

A cultura árabe do século XIV, de alguma forma, já conhecia o estranho espécime de sapos azuis que apresentava um estilo de salto bastante incomum.

A principal fonte utilizada por Battuta em seu estudo sobre o magnetismo animal baseava-se nas informações por ele coletadas de uma obra perdida de Theophrastos de Eresos (séc. IV a.C.).

Uma nova leitura do texto de Battuta foi efetuada pelo historiador italiano Domenico Sapini. Estudando as obras do padre Athanasius Kircher a respeito do uso de ímãs para detectar os humores, Sapini associou a crença medieval, ali discutida, da levitação de mulheres adúlteras sob a influência de ímãs, ao manuscrito de Battuta. Segundo Sapini, o imaginário medieval teria recebido influências do estudo de Battuta a ponto de incorporá-lo a uma série de práticas médicas, sobretudo para a detecção do adultério em mulheres.

Munido de fontes essencialmente medievais, Sapini quer defender a influência de Battuta. Entretanto, seu estudo, ao negligenciar dados antropológicos e etnográficos, acaba não percebendo que a presença da utilização de magnetos em muitos rituais religiosos pode ser um indício de que há outras fontes que influenciaram as práticas medievais para a detecção de adultérios femininos.

Este artigo pretende mostrar que a influência de Battuta não existiu de fato ou, pelo menos, não da forma como é apontada por Sapini, mas sim, que a prática se fundamenta em rituais místicos e religiosos anteriores, que utilizavam o magnetismo orgânico. Esta tese, primeiramente levantada por Jean-Jacques Buffin em “La tradition mythique en Polynésie : le magnétisme humaine et la religion chez les Marquisiens”, é aqui corroborada com a apresentação de um manuscrito inédito do médico florentino Bactrius Medicis (833-879) intitulado “De medicamenta magnética”.

## 2 AS FONTES DE SAPINI

A seguir, veremos como Sapini em sua obra *On the controversial origin of magnetic levitation: from frogs to women in Medieval practices*, compreende e utiliza tanto a experiência de Battuta quanto as idéias Kircherianas.

### 2.1 Descrição da experiência de Battuta<sup>1</sup>

Battuta observou que os sapos da Magnésia (Thessalia) tinham certas peculiaridades como coloração azul e hábitos reprodutores diferentes. Após o acasalamento, sapos fêmeas, que eram maiores do que os machos, saltavam lenta e longamente na direção de pedras magnéticas<sup>2</sup>.

### 2.2 Kircher: uma ponte entre dois mundos

Segundo Sapini, Kircher inicia sua obra com uma descrição genérica das propriedades físicas do magneto: atração de metais, atração e repulsão de magnetos por magnetos e até, curiosamente, o “aumento do poder dos magnetos durante o santo Domingo de Pentecostes” (KIRCHER, *apud* SAPINI, 1965, p. 122). A seguir, discorre sobre as utilizações medicinais do magneto, sendo a mais importante delas a cura de ferimentos causados por objetos metálicos através da ingestão de um preparado contendo “magneto esmagado com todo o ímpeto durante cinco dias, vinho jovem e mel colhido logo após o início da primavera” (*ibidem*, p. 131). Finalmente conclui o livro com um diminuto capítulo a respeito da “utilização dos magnetos pelos homens vilipendiados em sua honra” (*ibidem*, p. 133).

Este é justamente o capítulo no qual Sapini concentra a maior parte de sua análise sobre o livro de Kircher. Kircher começa então a discorrer sobre o infortúnio dos homens que, por força do destino, têm que afastar seus olhos da estreita vigilância do lar. Após essa introdução apresenta o “modo providencial com que o Senhor dotou os homens” para que esses pudessem descobrir se suas esposas se mantinham “de acordo com as normas que a Santa Igreja estabeleceu para o matrimônio” (*ibidem*, p. 132). Resumidamente, esse procedimento consiste em colocar um ímã sob a cama da mulher que se supõe adúltera. A mulher, ao deitar-se e adormecer, terá seu adultério confirmado caso levite. Este teste só detectaria adultérios cometidos a partir da última lua cheia.

Sapini alerta veementemente para o fato de que Kircher, na página final do capítulo, busca fundamentar a veracidade e a eficácia desse tipo de prática ao escrever: “Já os antigos afirmavam que pedras magnéticas poderiam levar fêmeas após a cópula” (KIRCHER, *apud* SAPINI, 1965, p. 133). A partir disso, Sapini passa a fazer a conexão

<sup>1</sup> Descrição baseada em SAPINI, 1965.

<sup>2</sup> As pedras magnéticas encontradas na região do Peloponeso e Balcãs atraem ferro (comunicação pessoal).

entre o texto de Kircher e o resto de sua obra, citando *ad nauseam* trechos nos quais Kircher apresenta ou comenta partes do trabalho de Battuta. Termina por consagrar especial atenção a um capítulo no qual Kircher lista e resume todas as obras de Battuta conhecidas na época. Nessa lista, Sapini encontra uma obra que descreve “efeitos vulgares, maravilhosos e medicinais que ocorrem nos seres animados e inanimados quando em presença da pedra da Magnésia” (*ibidem*, p. 135).

Partindo do trecho citado, do conhecimento que Kircher possuía a respeito de Battuta, da análise feita do livro de Kircher “De magnetum...” e da descrição de práticas semelhantes citadas por muitos autores que pesquisaram História Medieval, Sapini passa a fazer uma correlação entre o manuscrito de Battuta e a prática medieval de detecção do adultério feminino através de magnetos.

### 2.3 Análise do argumento

Sapini, como grande medievalista, pretende, apoiando-se sobretudo em fontes da Baixa Idade Média, estabelecer uma vinculação entre a obra de Battuta e as práticas para identificação de adultério feminino. Sua principal fonte, como vimos, são os escritos do padre Kircher. Essa escolha não é livre: o padre Kircher é uma figura que confere a Sapini os principais elementos de que precisa para a sua tese. Além de conhecedor da cultura árabe, principalmente da obra de Battuta, Kircher também descreve a utilização de magnetos para a detecção do adultério. O próprio Kircher, no entanto, não estabelece a conexão imaginada por Sapini; não há em seus escritos menção à influência das experiências de Battuta naquelas práticas. Kircher apenas incorpora a cultura árabe a seus textos.

O que nós contestamos é a identificação imediata estabelecida por Sapini a partir dos manuscritos do padre – que é, aliás, nosso objetivo – assim como denunciar a inconsistência do argumento utilizado por Sapini para fundamentar sua tese geral. Afirmar simplesmente, baseado nos textos e na pessoa de Kircher, que as experiências de Battuta teriam influenciado o uso de magnetos pelos medievais em inúmeras práticas, dentre elas a identificação de adúlteras, não é o suficiente. Mesmo na hipótese de se encontrar algum manuscrito de Kircher que estabeleça explicitamente tal relação, não se poderia, partindo-se apenas desta fonte, extrapolar e concluir pela influência de Battuta nos séculos anteriores a Kircher. Se esse manuscrito existisse e fosse encontrado, indicaria tão somente mais um traço da complexa figura de Athanasius Kircher.

Sapini só pôde estabelecer essa relação porque desconsiderou fontes anteriores que descrevem práticas religiosas com magnetos. Este desconhecimento, somado à grande relevância dada por Sapini ao padre Kircher, acaba produzindo efeitos nefastos na argumentação sapiniana. Poder-se-ia até afirmar que Sapini, imerso na obra do padre, termina por reproduzir seu trabalho de aproximação entre a cultura árabe e a cultura medieval.

## 3 OUTROS RELATOS

Passaremos a apresentar uma outra vertente de críticas a Sapini. Tal vertente é aqui representada pelos trabalhos do antropólogo francês J.-J. Buffin e pelo historiador alemão H. von Geschichte. A argumentação de tais autores apóia-se na apresentação de práticas fortemente documentadas em outros povos, semelhantes às do europeu medieval; práticas estas que não poderiam apresentar qualquer conexão com a obra de Battuta.

### 3.1 Buffin e as práticas mítico-religiosas

Em seu artigo, Buffin descreve um ritual mítico do povo marquesiano (ilhas Marquesas, Polinésia), que habita uma região rica em rochas magnéticas. Os marquesinos adoram vários deuses, sendo o mais importante o Deus da Rocha Azul, capaz de atrair metais à distância.

Há, na tradição milenar desse povo, uma prática curiosa que ocorre num determinado dia do ano. Nesse dia, que corresponde ao solstício de verão, o Sol penetra por um orifício iluminando o fundo de uma caverna no interior da rocha sagrada. A caverna é revestida por rocha magnética de coloração azulada.

Assim se dá o ritual: na noite anterior, os homens jovens que estão prontos para o casamento ficam de vigília no exterior da caverna preparando uma pasta feita de gordura animal e pós de rocha, que resulta numa massa azulada. A massa é levada à aldeia onde mulheres grávidas a aguardam, para passá-la no corpo de uma jovem, preparando-a, assim, para o ritual que ocorrerá ao nascer do Sol.

A jovem é então levada para o interior da caverna onde há um altar no qual ela ficará deitada, na companhia das mulheres que a prepararam. É fornecida à moça uma poção preparada com um macerado de ervas tranqüilizantes que deverá mantê-la em estado de semi-consciência durante todo o dia. A sonolência e o relaxamento do corpo são necessários para que as forças magnéticas passem a agir sobre ela, de modo a causar a sua levitação, no caso de a jovem já ter sido possuída por algum homem. Havendo levitação, ela se torna a “mulher de todos” e, no amanhecer do segundo dia, ela é exposta à tribo. Em caso contrário, segue-se a cerimônia de casamento<sup>3</sup>.

É interessante notar que Buffin, tendo conhecimento da obra de Sapini, usa o relato deste ritual para derrubar a tese sapiniana de interrelação entre os relatos de Battuta e as práticas medievais na Europa ocidental. Para o antropólogo, a constatação da existência de práticas baseadas nos efeitos de magnetos sobre mulheres em regiões tão díspares vem revelar que:

[...] este estudo de caso reforça a reconhecida tese antropológica da independência do surgimento e estruturação de mitos e práticas afins em culturas isoladas. Penso então que a tese do Signore Sapini carece de um sustentáculo teórico e factual suficientemente sólido. (BUFFIN, 1973, p. 164)

### 3.2 Práticas magnéticas na Antigüidade

No trabalho de Hans von Geschichte, *Kritik der Magnetischefrauenlevitation in Mittelaltern*, encontramos um extenso estudo detalhado sobre as práticas de identificação de mulheres adúlteras, em manuscritos anteriores ao século V.

Com relação ao manuscrito dos Nibelungos, escreve:

[...] Em síntese, a prática de identificação consistia em colocar uma pedra imantada sob o leito da possível adúltera, quando ela estivesse completamente relaxada e em repouso; no caso da mulher ter cometido adultério, esta deveria flutuar [...] (GESCHICHTE, 1987, p. 77)

Em seguida, o autor adverte:

É o caso de assinalarmos que tal prática era severamente punida pela autoridades locais, quando utilizada para identificar homens adúlteros. (*op. cit.*, pp. 77-8)

Com relação ao manuscrito encontrado numa aldeia da Macedônia, Geschichte expõe minuciosamente tal operação:

---

<sup>3</sup> O relato completo do ritual encontra-se em BUFFIN, 1973, pp. 147-59.

Ao introduzir uma faca imantada sob o travesseiro do leito das mulheres, era necessário orientar a ponta da faca na direção Norte. A esposa deitar-se-ia com o ventre para baixo e os braços estirados ao longo do corpo, devendo o marido mantê-la nesta posição durante toda a noite. O período de vigília nunca deveria ser inferior a duas horas ou exceder cinco horas. (GESCHICHTE, 1987, p. 98)

Na eventualidade de a esposa flutuar (o que ocorreria até dois palmos acima do leito), o marido traído teria o direito de tirar-lhe a vida com a mesma faca imantada, sem sofrer castigo.

A hipótese do autor é de que os motivos dessa prática seriam sócio-culturais: era um recurso que permitia aos maridos partirem para a guerra seguros de que a virtude de suas esposas estaria garantida. Portanto, a origem das práticas com uso de magnetos em mulheres não é necessariamente produto da influência da obra de Battuta, como quer Sapini, visto ocorrerem anteriormente ao século V, na tribo dos Nibelungos e em aldeias macedônicas<sup>4</sup>.

#### 4 UM DADO NOVO

A teoria de Sapini não é frágil apenas pela falta de argumentos fortes que garantam as conexões pretendidas pelo autor, mas também por ser construída precipitadamente. Os trabalhos de Buffin e Geschichte contestam que a prática referida decorra dos estudos de Battuta. Em resposta a Buffin, Sapini (1974) tenta negar que as práticas descritas entre os polinésios tenham origem independente dos trabalhos desenvolvidos por Battuta – sem, contudo, comprová-lo definitivamente.

Apesar de a pesquisa de Sapini apontar que as práticas de identificação de mulheres adúlteras não teriam sido adotadas em regiões próximas às comunidades citadas, isso de modo algum assegura que não tivessem sido difundidas no período para outras regiões e, posteriormente, para a Europa medieval.

Na vigência do impasse referente às origens dessa crença medieval, consideramos relevante a descoberta de um manuscrito<sup>5</sup>, identificado posteriormente como sendo de autoria de Bactrius Medicis (833-879), para a solução desse problema.

Em pesquisas recentes, conseguiu-se identificar nas anotações desse médico florentino referências a um “tratamento magnético” por ele realizado em uma jovem princesa – filha única do mais poderoso príncipe florentino da época, Nicolas Colosso – salvando-lhe a vida.

Os escritos de Medicis, sem título, misturam notas pessoais, observações meteorológicas, comentários sobre a escassez de gêneros alimentícios e flutuações em seus preços, com relatos de curas realizadas por ele – provavelmente seus mais importantes sucessos terapêuticos.

Medicis afirma textualmente ter “utilizado um magneto de forma piramidal” no tratamento e cura da princesa que “sangrava abundantemente pelas narinas e gengivas, estando convulsa”. Páginas à frente, em suas anotações, quase que acidentalmente, Medicis revela ter pensado na utilização dos magnetos a partir da leitura da obra de Júlio César, “A conquista da Gália”, em que o imperador romano descreve práticas médicas entre os gauleses, nas quais os druidas utilizavam os magnetos como agentes terapêuticos. Este fato, confessa, tê-lo-ia levado a tentar o “tratamento magnético” após ter esgotado todos os recursos então conhecidos.

Com o sucesso no tratamento da princesa florentina, Medicis – ainda inspirado pelas tradições gaulesas descritas por Júlio César – ampliou o uso terapêutico do magneto

<sup>4</sup> O argumento é minuciosamente desenvolvido por Geschichte às páginas 161-203 do seu trabalho.

<sup>5</sup> Manuscrito inédito a ser publicado pela autora.

empregando-o inclusive para “testar” a virtude de mulheres suspeitas de adultério. O magneto seria colocado sob o leito da suspeita que, se adúltera, levitaria a alturas diferentes segundo o maior ou menor número de adultérios cometidos.

## 5 CONCLUSÃO

Em vista dos vários argumentos apresentados ao longo deste artigo, a saber: o fato de Sapini ter apenas revisitado e ampliado Kircher; a apresentação de casos específicos que comprovam a existência de práticas utilizando-se magnetos, em épocas (espaço-temporal) diferentes que, por este motivo, não podem ser atribuídas às influências de Battuta, tal como pretendido por Sapini; e, finalmente, o trabalho de Medicis, anterior ao de Battuta, que sugere fortemente uma disseminação pelo mundo europeu da utilização de forças magnéticas na verificação de mulheres adúlteras, o que nos leva a concluir pela inconsistência da tese sapiniana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARGENTEN, E. *Antologie de la poésie Arabe au Moyen-Âge*. Paris: De Minuit, 1991
2. BUFFIN, J.-J. La tradition mythique en Polynésie : le magnetisme humaine et la religion chez les Marquisiens. *Revue Anthropologique* **85** : 115-165, 1973.
3. GESCHICHTE, H. von. *Kritik der Magnetischefrauenlevitation in Mittelaltern*. Heidelberg: Sürkamp, 1987.
4. KIRCHER, A. *De magneticæ medicæ practicæ* [manuscrito, 1597]. *Apud Sapini*, 1965.
5. MEDICIS, B. *De medicamenta magnetica*. [manuscrito inédito]
6. REINHARD, J. (org.). *Anonymous Islamic manuscripts*. The Hagen: Haia Universität, 1870.
7. SAPINI, D. *On the controversial origin of magnetic levitation: from frogs to women in Medieval practices*. Baltimore: Johns Hopkins, 1965.
8. ———. La levitazione volgare. *La Ricerca* **6** (3): 15-36, 1966.
9. ———. Battuta’s influence on the magnetical affair: an answer to Buffin. *Isis* **73**: 312-321, 1974.
10. ———. The artificial strength of an isolated case: an analysis of Geschichte’s study. *Isis* **90**: 57-71, 1989.
11. SHAPOROVNA, N. A. *Le manuscript de Salamanca: la rencontre de l’auteur perdu*. Paris: Gallimard, 1932.

### OBSERVAÇÃO:

Este trabalho foi apresentado por ocasião do *Simpósio Comemorativo do 10º Centenário de Omar Ibn-Battutah*, realizado de 08 a 12 de julho de 1991, realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e organizado pelo professor Thabîl al-Udin ibn-Qurta. Mais informações podem ser obtidas no seguinte endereço da Internet:

<http://www.ifi.unicamp.br/~ghctc/Battutah.htm>